

DIÁLOGO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA NA VIDA E OBRA DE JOÃO ANTÔNIO

Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho¹

RESUMO: O presente artigo investiga as relações entre literatura e jornalismo na obra do escritor contemporâneo brasileiro João Antônio (1937-1996) desde sua estréia nos anos 60 até o final da década de 90 do século XX.

PALAVRAS CHAVE: João Antônio, Jornalismo, Literatura.

DIALOGUE BETWEEN JOURNALISM AND LITERATURE IN THE LIFE AND WORK OF JOÃO ANTÔNIO

ABSTRACT: The present article examines the relations between literature and journalism in work of contemporary brazilian writer João Antônio (1937-1996), since his début in 60's years until the end of 90's decade of 20 century.

KEYWORDS: João Antônio, Journalism, Literature.

Firmes, os dedos impulsionam o mecanismo. A fita rubro-negra obedece e pela força da letra vai dançando, batucando, tingindo o papel. Estranha seqüência que vai povoando frases e parágrafos e laudas. Sentimento de pressa, urgência. Fumaça de cigarro, barulho, confusão, papéis amassados. O jovem escritor João Antônio sabia muito bem que o jornal, com suas rotativas, é uma máquina de empregar muitos talentos literários. No entanto, como ele mesmo dizia, num país ágrafo como o Brasil, o jornal cumpre dupla função: servir de trabalho para literatos e como veículo de divulgação de seus escritos. E é através das páginas do jornal que o iniciante João Antônio sai do anonimato e publica, no final da década de 50, "Frio", um dos seus primeiros contos.

1 Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho é jornalista profissional e professor do Curso de Comunicação Social (Jornalismo) da UEPB. Doutor em Literatura pela UNESP/ Assis e mestre em Literatura e Vida Social pela UFPB. Líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Literatura (GPJL) do CNPq. Autor do livro "João Antônio, repórter de Realidade" (João Pessoa, Idéia, 2002). Endereço eletrônico: carlosazv@bol.com.br

Desde muito cedo, como apontamos, a carreira literária de João Antônio está ligada ao jornalismo. Os veículos jornal e revista servem ao ficcionista como suporte para a publicação de seus contos e também como incentivadores de sua produção, já que tais periódicos (*A Cigarra*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*) promoviam seus concursos literários, os quais ele ganhou com contos como “Meninão do Caixote” e “Natal na cafua”.

De ganhador de concursos a “Publicitário do Ano”

Uma das metas de João Antônio era viver exclusivamente de sua literatura. Em diversos momentos de sua vida, ele expressou a preocupação com as condições materiais para o exercício da escrita no Brasil. Ele afirma em Ribeiro Neto (1981 p.7) que a profissão deveria ser mais respeitada no país. Como observa Lacerda (2006 p.138), com base no trabalho da tese defendido em Sociologia na USP por Antônio M. C. Braga, *Profissão Escritor: escritores, trajetória social, indústria cultural, campo e ação literária no Brasil dos anos 70*, “João Antônio está longe de ter sido o único escritor de sua geração a se colocar no mercado de trabalho como ‘profissional do texto’ já que quase nenhum deles [os escritores da geração de João Antônio] sobrevivesse exclusivamente da literatura, em sua quase totalidade eles encontravam sustento na produção de textos jornalísticos, publicitários, roteiros televisivos, radiofônicos etc.” Ainda conforme o biógrafo Rodrigo Lacerda, João Antônio vai ter uma passagem rápida pela publicidade da Agência Pettinati de publicidade, na década de 60.

João Antônio vai expressar literariamente seu descontentamento com o mundo da publicidade anos depois, num texto intitulado “Publicitário do Ano”, publicado no livro *Abraçado ao meu Rancor*, em meados da década de 80, no qual o escritor mostra o descompasso existente entre o que o publicitário afirma nas suas peças redacionais e o que ele realmente pensa e faz.

Jornalismo como verdade e salvação

Como não conseguiu sobreviver exclusivamente de sua literatura, a presença de João Antônio no jornalismo vai ser uma constante. A partir da transformação do escritor em jornalista, ele vai exercer funções de repórter, editor, cronista, articulista, resenhista etc. A militância do escritor no espaço público da imprensa brasileira pode ser sentida no simples contato com todo o seu acervo que se encontra cedido à Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Assis. A volumosa produção jornalística de e sobre João Antônio vem recentemente sendo catalogada e estudada.

Grosso modo, podemos dividir a atuação de João Antônio no jornalismo impresso brasileiro em dois conjuntos: a grande imprensa (*Jornal do Brasil*, jornal *Última Hora*, *O Estado de São Paulo*, *Tribuna da Imprensa*, revistas *Realidade*, *Cláudia*, *Manchete* e *TV Globo* etc.) e a imprensa alternativa, contracultural ou nanica (expressão criada pelo próprio escritor para agrupar “uma imprensa viva que questiona, que duvida, que enfrenta, vasculha, alerta, remexe, depõe, derruba, cheira a alguma coisa e fede” (*apud* CHINEM, 2004 p.68), como *Pasquim*, *Bondinho*, *Ex-*, *Opinião*, *Movimento* e *CooJornal* entre outros.

A primeira fase de João Antônio na imprensa brasileira corresponde a um segundo momento de profissionalização do escritor-jornalista, que saído da publicação de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*, em 1963, tem o primeiro livro como senha para adentrar no campo literário e jornalístico, sendo saudado como grande revelação no conto nacional, ganhando inclusive vários prêmios literários.

Um homem entre duas cidades. Dividido entre São Paulo e Rio de Janeiro, João Antônio vai migrar para a segunda, indo trabalhar em 1964 no *Jornal do Brasil* como repórter especial. Esse vai ser um dos primeiros trabalhos jornalísticos do escritor que irá encontrar no jornalismo, e não na publicidade, um ganha-pão e uma profissão que o acompanhará até o final da vida.

Repórter, reportagem: *Realidade*

O nascimento da grande reportagem como gênero jornalístico no Brasil é atribuído ao pioneirismo de João do Rio (pseudônimo do escritor Paulo Barreto) que na virada do século 19 ousou sair do confortável gabinete e ganhar o espaço das ruas. O apogeu da reportagem como gênero jornalístico no Brasil se dá sessenta anos depois de João do Rio com uma experiência editorial que terá o sintomático nome de *Realidade*, criada em 1966, pela editora Abril. No livro *Jornalismo de Revista*, Marília Scalzo (2003) vai mostrar como a *Realidade* marcou a imprensa brasileira.

Em *Revista Realidade-tempo da reportagem na imprensa brasileira*, o professor José Salvador Faro (1999) faz um extenso levantamento sobre o impacto da revista no contexto sócio-político e cultural dos anos 60 no Brasil, destacando o papel de renovador do periódico. Criada em plena época de revolução da sexualidade, a revista foi um sucesso editorial por trazer em suas páginas a reportagem social, discutindo criticamente a moral e os costumes. Faro não estabelece uma correlação direta entre o gênero reportagem praticado na revista com os pressupostos do chamado *New Journalism*, corrente do chamado jornalismo literário, surgida no fim dos anos 50 e que se desenvolveu com bastante força nos Estados Unidos. No entanto, ele admite que os textos escritos pelos jornalistas de *Realidade* se distanciam fortemente do jornalismo tradicional praticado no país naquela época.

Os pressupostos metodológicos do chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*) foram sintetizados pelo escritor e jornalista Tom Wolfe (2005) numa antologia lançada originalmente em 1977, com reportagens de Rex Reed, Terry Southern, Norman Mailer, Nicholas Tomalin, Bárbara L. Goldsmith, Joe McGinnis, Robert Christgau, John Gregory Dunne e do próprio Tom Wolfe. Surgido na primeira metade da década de 60 o *New Journalism*, segundo Wolfe, convulsionou a literatura e o jornalismo dos EUA, por seus métodos pouco tradicionais e também pela nova maneira de se encarar as transformações que estavam em curso na sociedade americana. Na opinião dele, os romancistas norte-americanos se afastaram da realidade e não conseguiam

transpor para a ficção temas que pipocavam na sociedade. Assim, o Novo Jornalismo retoma a tradição literária realista, renovando não só o jornalismo como também a literatura. Alguns procedimentos são resumidos por Wolfe em quatro itens que o jornalista tem de observar na hora de captar e de escrever suas reportagens, são eles: 1) narração cena por cena 2) reprodução dos diálogos 3) relato em terceira pessoa 4) relato das ações do dia-a-dia.

Como antecedente direto do Novo Jornalismo, Wolfe elenca a reportagem *Hiroshima* de John Hersey, que foi publicada em 1946, ocupando um número inteiro da *The New Yorker*. Partindo do cotidiano de pessoas afetadas pela radiação da bomba H, Hersey constrói perfis que se articulam formando um caleidoscópio humano dos desastres da destruição atômica. Mas ao romancista Truman Capote está reservado o lugar de pioneiro do Novo Jornalismo e criador de um novo gênero, o híbrido romance-reportagem, com *A sangue frio*, publicado em livro em 1966.

Considerada um marco na história da imprensa brasileira, *Realidade* também foi referência para o Novo Jornalismo brasileiro e também na vida e carreira de João Antônio. Lá, ele pode fazer reportagens que marcaram época, muitas vezes fundindo jornalismo e literatura. A estréia dele se deu em outubro de 1967 com uma reportagem sobre sinuca, sob o título “Este homem não Brinca em Serviço”, com fotos de Geraldo Mori e revelando as figuras marginais que se referem diretamente ao universo do seu livro de estréia, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado em 1963.

A atuação de João Antônio em *Realidade* será destacada também com “Um dia no Cais”, um texto que vai marcar no Brasil o Novo Jornalismo (*New Journalism*), o primeiro conto-reportagem do autor fundindo literatura e jornalismo numa linguagem híbrida. O que o jornalista João Antônio fez ao publicar o primeiro conto-reportagem de *Realidade* estava sintonizado numa tradição de jornalismo literário que se expandia no mundo, principalmente nos Estados Unidos com autores como Norman Mailer, Truman Capote, Gay Telesse entre outros.

Em 1968, João Antônio, também com a colaboração de outros jornalistas, publica a reportagem “A morte”, aprovei-

tada anos depois no livro *Casa de loucos*, de 1976. No ano de 1968, o jornalista cede a sua paixão pessoal pela Música Popular Brasileira (MPB) e entrevista a maior intérprete viva de Noel Rosa, a cantora Aracy de Almeida. A entrevista de Aracy é transformada num perfil jornalístico, ou seja, numa reportagem descritiva de pessoa. Curiosamente, o último livro publicado pelo escritor vai levar o título de *Dama do Encantado* (1996). Ainda em 1968, o jornalista publicará mais três textos, todos relacionados com o mesmo universo temático dos contos: jogos e marginalidade. Assim, João Antônio publica as reportagens “É uma revolução” (sobre a rivalidade entre Galo e Raposa no futebol de Minas Gerais), “O pequeno prêmio” (na qual ele decifra a corrida de trote com seus freqüentadores interessantíssimos) e “Quem é o dedo-duro” sobre os colaboradores da polícia, reportagem a qual ele vai reescrever em forma de conto e publicar no livro *Dedo-Duro*, de 1982.

O interessante na experiência jornalística da revista *Realidade* é que o escritor João Antônio vai aproveitar em livros as reportagens publicadas na imprensa e a maioria delas, textualmente modificada ou não, vai figurar em *Malhão de Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976). A chamada transmigração dos textos e motivos para o universo ficcional, e também seu efeito reverso, vai nos mostrar o sentido híbrido da prática jornalístico-literária de um dos principais nomes da literatura brasileira, nos chamando a atenção para o fato de que o trânsito entre indústria cultural e literatura não é tão simples como se pensa, revelando mecanismos textuais e dinâmicas entre os gêneros midiáticos e literários.

No estudo de BELLUCCO (2006 p.53) as relações entre João Antônio e a revista *Realidade* durante o curto período de 1966 a 1968, já preparam o escritor para produzir “um conjunto de expressões inovadoras no âmbito do jornalismo que já foi reconhecida como uma experiência importante para a radicalização posterior dos nanicos”. Para ele, *Casa de loucos*, “esse texto de 1971, o último de *Realidade*, marca uma transição. João Antônio se engaja na luta política dos jornais nanicos a partir desse ano, decidindo-se por uma militância aberta que teria no *Pasquim*”

A crônica pingente no Pasquim

O jornal *Pasquim* foi um dos mais importantes veículos da chamada imprensa alternativa brasileira das décadas de 60 e 70. Humor e crítica política se fundem a partir de uma linguagem nova que trouxe ao jornalismo brasileiro um tom informal, meio que carioca, próximo da oralidade e distante da norma culta.

Na redação do jornal, conviviam Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo, Ivan Lessa, Paulo Francis, Sérgio Augusto entre outros intelectuais. Do primeiro número saído a 26 de junho de 1969 até o fim do jornal em 1975, segundo Millôr Fernandes(1977 p.9), a censura foi uma constante na atividade jornalística do periódico.

No estudo mais completo até o momento sobre a imprensa alternativa no Brasil, o livro *Jornalistas e Revolucionários*, Bernardo KUCINSKI (1991) faz uma breve, mas completa história do *Pasquim*, desde a sua gênese até sua descaracterização e decadência. Ele situa *Pasquim* numa segunda fase de combate à ditadura, na qual os jornais de cunho partidário cedem espaço ao humor, humor este que satiriza o poder estabelecido através da força. Contracultural, o jornal *Pasquim* tem uma grande importância na renovação estilística do jornalismo brasileiro, bem como na própria história recente do país no que se refere à luta pela liberdade de expressão. Kucinski (1991 p.156) aponta que o “PASQUIM revolucionou a linguagem do jornalismo brasileiro, instituindo uma oralidade que ia além da mera transferência da linguagem coloquial para a escrita do jornal”. Além disso, ele aponta alguns traços que caracterizariam o jornal por toda a sua existência, dentre os quais a grande entrevista provocadora e dialogada.

O progressivo aumento da tiragem e, por conseguinte, o crescimento da influência do jornal na classe média da sociedade brasileira, provocaram o enquadramento do *Pasquim* na chamada Lei de Segurança Nacional, já que setores conservadores do clero e das forças armadas afirmavam que o jornal fazia uma campanha contra a família brasileira. Na verdade, a censura se abatia sobre o *Pasquim*, como afirma Kucinski (1991 p. 163), pois “policiais do DOI-CODI

invadiram a redação do *Pasquim* durante o fechamento da edição, prendendo todos os jornalistas presentes, menos Tarso de Castro que conseguiu escapar (...).”

A morte do jornal *Pasquim* vai ser lenta, resultado de vários fatores: a censura, a descaracterização do projeto editorial do periódico, a crise financeira entre outros. No entanto, a idéia de um jornalismo alternativo fincado na total liberdade iria voltar décadas depois num contexto totalmente diferente. A publicação se arrastou até os anos 80, atingindo apenas três mil exemplares de tiragem. Depois, em 1988, foi vendida por Jaguar a um empresário. A partir daí, *Pasquim* será apenas uma lembrança, só restará o nome do jornal e a lembrança de sua irreverência e coragem ao enfrentar a ditadura militar. A idéia de se ter novamente o jornal vai ser retomada, décadas depois, num momento histórico diferente e com objetivos diferentes.

João Antônio cronista do PASQUIM dos anos 70

Segundo pesquisa de Bellucco (2006 p.9), que realizou um rastreamento das fontes primárias e crônicas dispersas em vários arquivos, a colaboração do escritor-jornalista João Antônio na imprensa alternativa, mais precisamente no *Pasquim*, se dá com trinta e nove crônicas publicadas no período de 1974 a 1979. Para ele, as crônicas joantonianas não constituem um lugar paralelo ou secundário no conjunto de sua obra, sendo relevantes para a compreensão de sua trajetória literária.

Enfatiza Bellucco (2006 p.17-18) que uma das principais crônicas publicadas por João Antônio no *Pasquim* é “Aviso aos nanicos”, que saiu na primeira semana de agosto de 1975, na qual o escritor faz:

Um dos primeiros balanços sobre o conjunto de jornais que integraram a frente jornalística de oposição que depois ficou conhecida pelo nome de imprensa alternativa. A partir deste texto, difundiu-se o termo “nanico” com que João Antônio quis ressaltar a dimensão minoritária e contra-hegemônica do conjunto de jornais onde praticou uma militância aguerrida, concentrando aí o sentido político das duas principais atividades com

as quais afligiu-se em vida, a literatura e o jornalismo (BELLUCCO,2006 p.17-18).

Na crônica, João Antônio fazia uma leitura afirmando que no Brasil o termo *urderground* tomou formas bem brasileiras, sob a denominação geral de *nanicos*. O jornalista-escritor conhecia por dentro a grande imprensa e em seus textos as referências negativas aos veículos tradicionais vão ficando cada vez mais constantes e agressivas. A série completa de crônicas de João Antônio publicadas no *Pas-quim* informa Bellucco (2006 p.39) que:

Constitui-se de quarenta e um textos: inicia-se em agosto de 1974 com a publicação de Cartão Vermelho para os Valentões, é interrompida em junho de 1976 e retomada com três crônicas no início dos anos 1980 (...) Destacam-se os perfis e textos memorialísticos, ao lado de narrativas sobre lugares e situações urbanas, como o conjunto de textos que em 1978 seriam costurados à narrativa de *Ô Copacabana!*

Para Bellucco (2006 p.57), durante o período de 1974 a 1978 é nítida a preocupação de João Antônio em constituir certo ponto de vista político e literário associado à vivência das classes subalternas. É desse período o texto “Corpo-a-corpo com a vida” escrito no Rio de Janeiro em 1975. Para ele, o texto indica uma postura do escritor frente aos nacionalismos do momento e a mobilidade de gêneros em sua trajetória literária, marcada sempre pelo trânsito entre a urgência da crítica social veiculada na imprensa através das crônicas, a confissão biográfica e o esforço de “fino labor” na criação ficcional. Para ele, “tomadas em seu conjunto, e não apenas como uma soma contingente, as crônicas de João Antônio para a imprensa nanica seguem (...) Demarcando simbolicamente a cidade como expressão superlativa do país, visto de uma condição de gente” (p.115)

Panorama: João Antônio de pés vermelhos

A trajetória de João Antônio na imprensa brasileira traz um momento singular que é sua passagem pela cidade de Londrina. Literalmente fugindo do eixo Rio-São Paulo, o jornalista irá integrar, na metade dos anos 70, a equipe

do jornal diário *Panorama*. No Paraná, seus pés pisam na terra vermelha, símbolo de esplendor e decadência da cultura do café.

A recuperação da importante passagem do escritor pelo Sul do país é feita por Renata Ribeiro de Moraes (2005), através da coleta, catalogação e análise das reportagens do escritor, situando-as no conjunto de sua obra jornalístico-literária. A história do jornal *Panorama* também é recon-tada por Moraes (2005) através do levantamento de dados com entrevistas aos envolvidos na criação do veículo na década de 70. A experiência do jornal durou apenas dois anos (1975 e 1976). A pesquisadora Moraes (2005, p. 90) estabelece três fases para o processo: o planejamento (dois anos antes de 1975), a implantação (1975) e a expansão e declínio (1976).

A idéia de criar mais um jornal diário para a cidade de Londrina foi do empresário das comunicações e político Paulo da Cruz Pimentel, que chamou os jornalistas Nassib Jabur e Délio César para planejar e implementar o novo meio de comunicação. *Panorama* começou a circular no mês de março de 1975 e chegou ao segundo ano com a edição de número 515, em outubro de 1976. A sua tiragem original foi de vinte mil exemplares, um bom número já que se tratava da segunda mais importante cidade do Estado do Paraná, ficando atrás somente da capital Curitiba.

A montagem da equipe de *Panorama*, que contava com grandes nomes da reportagem brasileira, aconteceu graças ao fim anunciado da revista *Realidade*, do grupo Abril. Assim, sob a liderança de Narciso Kalili (ex-repórter especial da revista *Realidade*), além de João Antônio, também se aclimataram em Londrina nomes como Mylton Severiano da Silva, Hamilton Almeida Filho entre outros.

Mesmo sendo uma experiência da grande imprensa, o jornal *Panorama* vai, em alguns momentos, desagradar à elite da região, justamente com matérias sobre ecologia: uma delas sobre a derrubada de uma árvore centenária e outra sobre a poluição do lago Igapô. A censura imposta pela ditadura militar também caiu sobre o jornal, mas mesmo assim João Antônio conseguiu publicar reportagens como “Olá, professor, há quanto tempo!”, sobre a volta do

antropólogo Darcy Ribeiro, um dos grandes perseguidos pelo regime militar.

Os pés sentem as andanças

Convidado pelo amigo Mylton Severiano (Myltainho) e com o aval de Narciso Kalili, o escritor-jornalista João Antônio irá permanecer em Londrina por três meses. Ele irá conhecer a cidade, segundo Moraes (2005 p.96) através do jornalista local Nelson Capucho. Londrina era para João Antônio um signo duplo, entre o passado e o presente, entre a abundância esbanjadora dos anos loucos do café e a decadência da região com a geada e a perda da safra.

Um levantamento feito por Moraes (2005) das edições de *Panorama* concluiu que o escritor-jornalista produziu nove textos. São eles: Londrina de João Antônio , Os anos Loucos de Londrina , Desgracido! (9 de março de 1975), Olá, professor há quanto tempo! (27 de março de 1975), A sessão está aberta (14 de março de 1975), O Parto (10 de março de 1975), Jacarandá Ladrão (17 de março de 1975), Jacarandá Guardador de Carros (24 de março de 1975) e Jacarandá- a estrela desce (10 de março de 1975).

E é no chão de Londrina que vai nascer uma ampla galeria de tipos, sempre chamados de Jacarandá, poeta do momento. Inclusive, anos depois, em 1993, João Antônio irá nos oferecer o livro de ficção *Um herói sem Paradeiro- vidão e agitos de Jacarandá, poeta do momento*. Em “Jacarandá e sua constelação de máscaras”, prefácio da publicação, assinado pelo crítico literário Fábio Lucas, podemos ler:

Tudo funciona como se o contista, já consagrado, tivesse se rendido à tentação de escrever um romance, pois cada unidade temática é presidida pela personagem Jacarandá (...) Pelo visto temos um herói de papéis variados, uma constelação de máscaras. Todas apontam para o brasileiro da periferia, desclassificado, cuja cultura, em franca transformação, produz mobilidade horizontal e incertezas nas camadas humildes em contraposição à prepotência e arrogância da aristocracia rural e de seus aliados urbanos, as camadas afluentes (...) Nota-se a sutileza da arte de João Antônio. Contos-retratos de

preocupação social. Capacidade de dizer muito em frases simples e contidas. Habilidade de dar representação literária à escumalha social do Brasil, a marginalidade dos grandes centros urbanos do país. (LUCAS, 1993 p. 1)

Note-se que “Jacarandá- guardador de carros” vai ser publicado em *Panorama* e depois reescrito e transformado em “Guardador”, publicado seguidamente em dois livros *Abraçado ao meu rancor* (1986) e *Guardador* (1992), com o qual o escritor conquistou o Prêmio Jabuti de 1993. O texto atravessará décadas (70,80 e 90).

João Antônio, editor do *Livro de cabeça do homem*

A partir da experiência da *Revista Civilização Brasileira* (que circulou de 1965 a 1968), a editora Civilização Brasileira lançou em meados da década de 70 a revista *Livro de cabeça do homem*. Para editar, Ênio Silveira, diretor da Civilização Brasileira, convidou João Antônio.

Interessa-nos entender *Livro de cabeça do homem* como representação de um movimento de luta pela democracia num país em que o Estado de Direito foi suspenso e a imprensa estava censurada por conta do golpe militar e do Ato Institucional número 5. Especificamente, estudamos a participação de João Antônio como repórter, contista e editor da revista, tendo publicado no periódico três textos: “Os testamentos de Cidade de Deus”, “Saudades do Brega” e “A agonia das gafeiras”.

Um capítulo pouco estudado da imprensa de resistência da década de 70 no Brasil, a revista *Livro de cabeça do homem* teve publicação bimestral, em formato de livro (14X21), 200 páginas no máximo, com “reportagens, crônicas, confissões, entrevista, contos, humorismo: os bons e os maus flagrantes da realidade”. As capas eram de autoria de Douné e seguiam uma identidade gráfica de um número para o outro. *Livro de cabeça do homem* segue o formato e linha editorial traçado por Ênio Silveira para ser um espaço de debate sobre a atualidade brasileira. De certa forma, o *Livro de cabeça do homem* (1975) segue a trilha aberta pela revista *Civilização Brasileira* (1965-1968)

e tem continuidade com *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-1980).

Quais eram os colaboradores da revista LCH? Com que frequência escreviam? Quais os temas abordados? Quais os gêneros literários ou jornalísticos dos textos publicados? Para responder tais perguntas fizemos um levantamento volume por volume da revista *Livro de cabeceira do homem*. Os colaboradores mais assíduos eram o próprio editor do *Livro de cabeceira do homem*, João Antônio com textos publicados nos três números. Em seguida aparecem os repórteres Juarez Barroso, José Louzeiro e Aguinaldo Silva, com dois textos cada.

Em uma breve análise dos gêneros literários e jornalísticos dos textos publicados na revista, notamos a predominância da reportagem, mas também a presença da literatura através do conto. Não hesitamos em classificar a revista como um terreno fértil, que opera como veículo que possibilita o diálogo entre a literatura e jornalismo. Em alguns casos, temos escritores consagrados praticando a reportagem, como é o caso de Aguinaldo Silva, João Antônio e Hermilo Borba Filho. Em outros, vemos um repórter como Juarez Barroso publicar uma reportagem num número e em outro um conto.

João Antônio, jornalismo e literatura no *Livro de cabeceira do homem*

O jornalismo na vida de João Antônio não atravancava sua produção literária. Pelo contrário, as duas áreas de certa maneira se complementavam. Como um dos pioneiros a trabalhar no Brasil dentro da filosofia do chamado Novo Jornalismo (*New Journalism*), João Antônio publicou vários livros quase essencialmente jornalísticos como, por exemplo, *Malhação de Judas Carioca* (1975) e *Casa de Loucos* (1976), reunindo o melhor da sua produção veiculada anteriormente em jornais e revistas. Publicou outros de difícil classificação como *Lambões de Caçarola* (1978) e *Ô Copacabana!* (1978), que mesclavam jornalismo e literatura bem na tendência do experimentalismo com a mistura de gêneros da década de 70.

João Antônio irá publicar três textos no *Livro de Cabeceira do Homem*. O primeiro deles é uma reportagem: “Os testemunhos de Cidade de Deus”, que trata do processo governamental de *desfavelamento* do Rio de Janeiro visto pelos moradores do subúrbio carioca, traz fotografias de Jorge Aguiar. O segundo texto, também uma reportagem, denominado “Saudades do Brega”, desloca-se da grande metrópole carioca para a cidade de Londrina, época em que participou da equipe do jornal *Panorama*. Ele traz dessa vez ao invés de fotografias, ilustrações de Benjamin, artista gráfico do Rio de Janeiro. A última reportagem de João Antônio no LCH retorna ao Rio de Janeiro, com o auxílio do fotojornalista Marco Vinício, para escrever sobre a “Agonia das Gafieiras”.

Na Última Hora, João Antônio inventa o “corpo-a-corpo com a vida”

“Nova estréia em UH” anunciava a capa do caderno “Revista”, do jornal “Última Hora” do dia 08 de março de 1976. “A partir de amanhã, em UH Revista, João Antônio estará contando com um vigor particular e violento, as coisas que impressionam a sensibilidade do homem e escritor. Explicitando sua verdade, a literatura, para ele um ato orgânico. Um negócio de amor-paixão”. Era assim que o jornal apresentava seu mais novo jornalista contratado. Um mês antes, em carta enviada a Peri Cotta, datada de 21 de fevereiro de 1976, o escritor-jornalista explicitava alguns pontos que seriam base de sua atividade como cronista em *Última Hora*, principalmente realçando que a periodicidade dos textos não deveria ser diária e sim que a coluna “Corpo-a-corpo” aparecesse três vezes por semana. Além disso, ainda na carta, João Antônio vai explicar sua metodologia para a feitura dos textos:

Embora escrevendo em ritmo fluente, a verdade é que meus textos são elaborados, sofridos e saem para o papel mais como um trabalho de garimpo do que de paixão. Exatamente essa característica é que lhes dá personalidade, os diferenciando de outros. Não é apenas um problema de realização de linguagem, estilo; é a própria

escolha de tema e disposição de uma ótica pessoal (e talvez intransferível) de ver, captar e retransmitir as coisas, pessoas, fatos, lugares, casos, situações. (ANTÔNIO, 1976)

O aparecimento da coluna “Corpo-a-corpo” de João Antônio, em meados da década de 70, no jornal *Última Hora*, mesmo sem a direção de um nacional-populismo varguista de Samuel Weiner, parece-nos um fato interessante. Visto como escritor *best sellers* a partir da publicação de *Malhação de Judas Carioca e Leão-de-chácara* em 1975, recebendo inclusive um prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), escrevendo sobre assuntos do cotidiano, o escritor faz uma série de 108 crônicas, que passeiam por seus temas prediletos, tais como marginalizados em geral, malandragem, condição periférica do escritor e jogos em geral (futebol, sinuca, corrida de cavalos, cartas etc.).

Mais uma vez vai acontecer o fenômeno da produção jornalística migrar para das páginas dos jornais para os livros do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Boa parte dos escritos da coluna “Corpo-a-corpo” vai para *Casa de loucos*, lançado também pela Civilização Brasileira no mesmo ano. Assim, “Nosso compadre o profeta Nelson Cavaquinho”, uma série de cinco crônicas publicadas entre 29 de abril a 06 de maio de 1976, vai para *Casa de loucos* como um único texto sob o título “Nelson Cavaquinho”. Já “Túmulo do amor”, publicada em três partes de 28 a 31 de maio de 1976, transforma-se em “55 anos de casados” no livro. E “Crônica do valente torcedor”, que saiu num conjunto de dez textos, no intervalo de 03 de junho a 14 de julho de 1976, é rebatizada de “Raul, meu amor” no livro. “Matar a morte” (27 de abril de 1976), “A evitada das gentes” (27 de maio de 1976), “A magra é certa” (05 de agosto de 1976, ano XXVI número 7743) são na verdade extratos da reportagem *A Morte*, publicada nos anos 60, na revista *Realidade*. Além disso, a reportagem que dá o título ao livro também foi trazida das páginas coloridas de *Realidade*. Já “Ficar no caritó” (27 de agosto de 1976, ano XXVI, número 7764) e “Virgens” (10 de setembro de 1976, ano XXVI número 7778) irão compor “As virgens blindadas do footing” no livro. Mas também vão compor *Casa de Loucos* textos transmigrados das páginas

do *Jornal do Brasil* (“As mortes e a vida de Sérgio Milliet”), *Panorama* (“Olá professor, há quanto tempo”) e *Livro de cabeceira do homem* (“Testemunho da Cidade de Deus”)

Meados dos anos 80: a crônica no “Jornal do País” como gênese de “Zicartola...”

No intervalo entre os anos 1985 e 1986, João Antônio publicou uma série de crônicas no suplemento semanal “Nas Bancas” que vinha encartado no “Jornal do País”. Tomados em conjunto, as crônicas de João Antônio se dividem em dois grupos, denominados por ele mesmo de “águas-fortes cariocas” e “águas-fortes paulistas”. Tais escritos seguem a mesma linha temática do escritor-jornalista ao se reportarem a situações vividas pelas camadas excluídas da sociedade, ao futebol, ao cotidiano da metrópole (seja Rio de Janeiro ou São Paulo) ou figuras da cultura brasileira como compositores e escritores como Jacó do Bandolim, Cartola, Marcos Rey, Aguinaldo Silva, João Ubaldo Ribeiro ou Mário Quintana.

O escritor João Antônio aproveitou grande parte desses escritos publicados no suplemento semanal “Nas bancas” para compor o livro *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!*, publicado em 1991, na série Diálogo, da editora Scipione, dirigida ao público juvenil. Quase toda a gênese de *Zicartola e que tudo mais vá pro inferno!* se dá através da transposição das crônicas publicadas no jornal juntamente com processos de edição como a fusão de escritos ou mesmo colagem de parágrafos inteiros. Em muitos momentos vê-se o trabalho de fusão de escritos publicados em jornal, como por exemplo, as crônicas “Glauber” (publicada na semana de 10 a 16 de junho de 1986), “Suor e cebola da Barra Funda” (semana 17 a 23 de junho de 1986), “Um estouro” (semana de 24 a 30 de julho de 1986) e datiloscritos (em lauda padrão do jornal) como “Matinês do Cine Glamour” e “Ladrão de bicicleta”, reunidas num único escrito, com o novo título de “Vibrações, poeiras e pulgueiros”, que tem como fio condutor a relação do cronista com o cinema. Em outro caso, há uma transposição de toda a crônica, mantendo-se inclusive o título dado no jornal, como é o caso de “Querida Praça XV” (semana de

06 a 12 de fevereiro de 1986) e “Santas Teresas” (09 a 15 de janeiro de 1986). Já a crônica “No primeiro domingo do ano” (semana de 16 a 22 de janeiro de 1986) irá ser aproveitada integralmente com o título modificado para “Feira”. “Noturno Tio Biu (semana 23 a 29 de janeiro de 1986) será incorporada a “E que tudo o mais vá pro inferno”.

O que o escritor João Antônio irá aproveitar para compor o livro *Zicartola e que tudo vá para o inferno!* são apenas crônicas que remetem às memórias infantis do Morro da Gueda, em São Paulo ou ao convívio com artistas que representam a vida do povo brasileiro seja no cinema (Glauber Rocha) ou na música (Cartola). As crônicas com mais aderência a questões contextuais ou mesmo factuais de meados da década de 80 não serão escolhidas por estarem em demasia enraizadas na realidade. A crônica funciona como expressão de um projeto nacional-popular.

As águas-fortes reaparecem no “Estadão”

Capelato & Prado (1980 p. XX) assinala que o jornal *O Estado de S. Paulo* foi fundado em 1875 como *A província de S. Paulo*, defendendo idéias republicanas sem “no entanto, admitir sua transformação em porta-voz oficial do partido nascente”.

O surgimento do “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, segundo Lorenzotti (2002 p.11), deve-se à iniciativa do crítico literário Antonio Candido que idealizou a publicação e de Décio de Almeida Prado que a dirigiu por dez anos, de 1956-1966. O “Suplemento Literário” do OESP viria a ser um modelo para os demais do país já que tinha autonomia como publicação artística, não-jornalística. De 1966 a 1974, ele foi editado por Nilo Scalzo. Depois do fim do “Suplemento Literário” vieram o “Suplemento Cultural”, o “Cultura” e o “Caderno 2”. É no jornal *Estado de S. Paulo* que João Antônio vai publicar seus primeiros contos e depois retomar a colaboração no final dos anos 80.

De fato, João Antônio, um pouco antes de publicar o seu primeiro livro, já ocupava as páginas do “Suplemento Literário” do “Estadão”, como se pode atestar com os contos “Frio” (número 142, de 01/08/1959), “Índios” (número

168, em 06/02/1960) e “Um velho e um cachorro” (número 305, de 17/11/1962). Sendo que ele vai aproveitar “Frio” para integrar o terceiro conjunto de contos (Sinuca) de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963. Assim, João Antônio dará continuidade, já como escritor consagrado no início da década de 90, a essa colaboração através do envio de textos para os editores Nilo Scalzo e Ana Maria Lopes e Silva.

As chamadas águas-fortes (cariocas, paulistas e até mesmo paranaenses ou baianas) vão ser republicadas seguidamente no intervalo de 1989 a 1991, no suplemento “Cultura”. O próprio escritor elabora uma lista datiloscrita com vinte textos, para controle do fluxo das crônicas, não esquecendo o valor recebido por cada colaboração enviada ao periódico. A grande maioria de tais escritos dará a gênese de seu último livro *Dama do Encantado*, lançado em 1996.

Interessa-nos saber o significado de “águas-fortes” para a escrita de João Antônio, já que constituem conjuntos de escritos que têm entre si identidade própria, sendo publicados no *Jornal do País* (suplemento “Nas Bancas”) e no *Estado de S. Paulo* (Suplemento “Cultura”), atravessando décadas. Tecnicamente, como explica Oliveira (2002), o termo “água-forte”:

Foi o segundo processo de impressão a seguir no Ocidente, já no século 15, pouco após os tipos móveis de Gutenberg. Hoje é utilizado mais para fins artísticos. Trata-se em realidade de um processo de impressão encavográfica. Característica de todos eles é o uso do ácido nítrico (chamado, justamente, de *água forte*) para ensulcar o verniz aplicado à uma chapa de metal que servirá como matriz. A tinta se aloja nos sulcos feitos pelo ácido e é transferida para o papel por pressão. (OLIVEIRA, 2002 p. 67)

Parece curioso o uso de “águas-fortes” para marcar cada texto ou conjunto deles, pois logo após o uso do termo vem uma espécie de localização (carioca, paulista, paulistano, baiana e paranaense), como se ao dar título ao escrito ocorresse um processo de territorialização. Ao se remeter a processos de impressão anteriores ao moderno sistema de rotativas de *off-set*, largamente adotado pela imprensa da

época e que Oliveira (2002 p.41) vê como “principal modelo de impressão desde a segunda metade do século 20”, João Antônio distancia-se do jornalismo e ao mesmo tempo assume que seus escritos têm fins artísticos, como se fossem desenhos e esboços fortemente marcados pela vivência e lirismo sem deixar o tom “ácido”, forte, ou seja, crítico. Ao imprimir com ácido tal escritura sobre o verniz da chapa de metal, João Antônio sonda as cidades em suas contradições, crueldades e lirismos, demonstrando que as transformações constantes de tais espaços geram processos contínuos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Perfis do “Estadão” migram para *Dama do Encantado*

Além das chamadas “Águas-fortes”, existem ainda vários escritos publicados no suplemento “Cultura” que merecem a atenção: são os perfis jornalístico-literários de figuras de destaque da cultura brasileira, em especial a música e literatura.

Alguns textos que vão compor *Dama do Encantado*, último livro do escritor, uma espécie de reunião de “perfis”, subvertem um pouco o gênero jornalístico. Segundo Pena (2005, p.33), perfil é uma reportagem que “procura apresentar a imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos do próprio, assim como de familiares, amigos, subordinados e superiores dele”. No entanto, alguns desses escritos de João Antônio vão se colocar na fronteira entre o jornalismo e a crítica literária, criando um ambiente híbrido em que a vida do autor estudado é contada de forma jornalística com o suporte da crítica literária. Vilas Boas (2003 p.22) observa que a época áurea do perfil na imprensa brasileira se deu com a revista *Realidade* (de 66 a 68), mas a tendência do jornalismo em apostar mais na idéia de retratar figuras humanas jornalisticamente e literariamente se deu nos anos 30 nos periódicos norte-americanos. Kotscho (1986, p.42) afirma que o perfil é o mais rico filão das matérias chamadas humanas, já que permite que o leitor “entre” no cotidiano de uma pessoa, seja ela famosa ou anônima. “Entre as mil maneiras de se fazer um perfil, uma delas é acompanhar um dia na vida do personagem ou lugar” (p.46). Coimbra (1993,

p.103) chama perfil de reportagem descritiva de pessoa, já que congrega elementos verbais e não-verbais, exigindo do repórter um grande esforço de observação, a fim de captar não só falas como também tudo o que está ao redor do entrevistado (espaço) e como ele se comporta (riso, tom da voz, expressões faciais, hesitações, olhar, entre outros). Já Medina (2003) acredita que o gênero perfil está se abrindo para outras contribuições, em especial as metodologias das Ciências Sociais e Antropologia. Assim, a autora considera que o gênero jornalístico perfil pode ser reformulado através do diálogo com o ensaio.

Talvez o último livro de João Antônio, *Dama do Encantado*, publicado por uma editora de pequeno porte como a Nova Alexandria, seja mesmo um pouco do que Medina afirma ser de reportagem-ensaio. João Antônio escolhia a dedo seus perfilados, a partir de uma certa empatia entre entrevistador-entrevistado ou mesmo admiração que os escritor sentia por figuras como Noel Rosa e Lima Barreto. O perfil que dá título à obra é sobre Araci de Almeida (Dama do Encantado), curiosamente retratada desde a década de 60 e 70 pelo escritor que já publicou reportagem em *Realidade* em outubro de 1968 (“Ela é o samba”), além de crônicas para *A Última Hora*: “Aracy” (23 de julho de 1976), “Araçá” (07 de agosto de 1976), “A dama do encantado” (28 de agosto de 1976) e “Quem canta de graça é galo” (25 de setembro de 1976).

O jornalista publica no “Estadão” os seguintes perfis-ensaios: “Duas bagatelas ao redor do mulato de todos os santos” (sobre Lima Barreto, em 4/04/1982), “Pequena especulação em torno de três momentos do poeta da Vila” (sobre Noel Rosa, 11-05-1983), “O singular e enigmático em Mário Peixoto” (em 02/12/1984), “Noel Rosa em tempo galopante” (27/06/1987), “Ciro Monteiro ia vivendo de amor” (30/12/1989), “Morre o valete de copos” (24/11/1990), “Realismo crítico em Marcos Rey” (16/02/1991), “Morte e vida de Sérgio Milliet” (27/4/1991) “Conversa com o poeta” (sobre os 80 anos de Mário Quintana, em 06-04-1991), e “Dalton exporta a lua parda dos vampiros” (20/07/1996).

Em *Dama do Encantado* vai assim confirmar o talento do escritor-jornalista na observação e arte dos *portraits* a

partir de sua galeria de escritores (Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Lima Barreto, João do Rio e Mário Quintana), jogadores (Garrincha) e músicos (Aracy de Almeida).

A crítica literária na *Tribuna da Imprensa*

Segundo Jesus (2001 p.16), o imbricamento do João Antônio-ficcionista com o João Antônio-repórter se dá também nos artigos publicados semanalmente na *Tribuna da Imprensa* de 1993 a 1996, veiculados no caderno *Tribuna Bis*, formando um conjunto de 133 textos que foram catalogados na pesquisa da autora. Além de organizar e sistematizar tais escritos, Jesus (2001) ainda faz um pequeno ensaio introdutório a fim de caracterizar a crítica produzida pelo escritor no jornal carioca. Na visão da pesquisadora, João Antônio se aproxima de uma crítica impressionista sem que isso signifique que seu texto seja um texto menor. Escritas no auge da maturidade literária do escritor, ou seja, nos últimos quatro anos de sua vida, as críticas de João Antônio “não seguiam métodos ou teorias preestabelecidas” (p.25).

Claro que a produção crítica híbrida de João Antônio não pode ser caracterizada como o que Perrone-Moisés (2005 p. XII) chama de “crítica-escritura” como as de Roland Barthes, Butor ou Blanchot, que foram exemplos de “escritores-críticos”. É que o autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* ainda está centrado nas funções explicativa, informadora e didática. Apesar de certa diluição de fronteiras no ato crítico de João Antônio para jornais, seu trabalho na *Tribuna da Imprensa* está mais para o crítico-escrevente preocupado com as funções tradicionais da atividade colocando-se como juiz (Jesus, 2001, p.20).

Força híbrida que tudo movimentava

Atravessando mais de 30 anos da história do Brasil contemporâneo, a trajetória de João Antônio na imprensa brasileira confunde-se com as buscas da sociedade como um todo frente aos múltiplos contextos (Estado autoritário, censura, modernização, redemocratização, retomada da democracia etc.). O jornalismo em João Antônio aparece inicialmente apenas como espaço para veiculação de seus

contos. Em seguida, já profissionalizado como jornalista, vemos o aparecimento do repórter e da reportagem. Já consagrado como *best seller* em meados da década de 70, o cronista entra em cena como profundo, lírico e ácido observador da Bruzundanga. Na década de 90, o crítico literário e o talentoso criador de perfis e pequenas narrativas biográficas. No entanto, em vários momentos os gêneros literários e jornalísticos se enfrentam, confundem e se fundem graças à habilidade do escritor-jornalista em fazer circular sua escritura de um veículo a outro, do jornal para o livro, do livro para o jornal, de uma década a outra. Assim como os personagens de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, os escritos de João Antônio estão sempre em movimento, numa “caminhada” que às vezes é individual ou em outras é coletiva. Essa força híbrida, invisível, que rompe barreiras, fronteiras e gêneros, nos interessa enquanto estratégia moderna e “impura” da escrita contemporânea, convidando-nos a pensar a questão do hibridismo na literatura do autor.

Referências

ANTÔNIO, J. **Casa de loucos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ANTÔNIO, J. **Cartas aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas**. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2004.

AZEVEDO FILHO, C. A. F. de. **João Antônio, repórter de Realidade**. João Pessoa: Idéia, 2002

BELLUCCO, H. A. de L. **Radiografias Brasileiras: Experiência e Identidade Nacional nas Crônicas de João Antônio**. Mestrado em Teoria e História Literária. Instituto de Estudos da Linguagem Universidade Estadual de Campinas, 2006. (dissertação de mestrado)

CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. **O Bravo Matutino**- imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.

CHINEM, R. **Jornalismo de guerrilha**. São Paulo: Disal, 2004.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993

DINES, A. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

FARO, J. S. **Revista Realidade-1966-1968**- tempo da reportagem na imprensa brasileira. Canoas: Ulbra: Age,1999.

FERNANDES, M. **Millôr no Pasquim**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1977.

JESUS, C. D. A. de. *A Crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001. (Dissertação de mestrado)

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**- nos tempos da imprensa

alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

LACERDA, R. *João Antônio: uma biografia literária*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Teoria Literária e Comparada. Universidade de São Paulo (USP), 2006. (Tese de doutorado, mimeo)

LORENZOTTI, E. **Suplemento literário que falta ele faz!** São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

LUCAS, F. Jacarandá e sua constelação de máscaras. In: ANTÔNIO, J. **Um herói sem paradeiro**. São Paulo: Atual, 1993.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**- narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, R. R. de. **João Antônio de pés vermelhos: a atuação do escritor-jornalista em Panorama**. Universidade Estadual de Londrina, 2005. (Dissertação de mestrado)

OLIVEIRA, M. **Produção gráfica para designers**. Rio de Janeiro, 2AB, 2002.

PENA, F. **Jornalismo**. Rio de Janeiro: Estácio de Sá, 2005 (Coleção 1000 perguntas).

PERRONE-MOISÉS, L. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RIBEIRO NETO, J. da S. **João Antônio Literatura Comentada**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

VILAS BOAS, S. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, T. **Radical chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens

Siqueira; posfácio de Joaquim Ferreira dos Santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em 20/10/2009

Aceito em 20/11/2009